



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-PARFOR
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
POLO ALTAMIRA

LINDRACI PARDIM DE OLIVEIRA

MEMORIAL

**DA RESILIÊNCIA AO PROTAGONISMO: RELATOS DA TRAJETÓRIA DE
VIDA E DE FORMAÇÃO DE UMA EDUCADORA DO MUNICÍPIO DE ANAPU/PA**

ANAPU-PA
2023

LINDRACI PARDIM DE OLIVEIRA

MEMORIAL

**DA RESILIENCIA AO PROTAGONISMO: RELATOS DA TRAJETÓRIA DE
VIDA E DE FORMAÇÃO DE UMA EDUCADORA DO MUNICÍPIO DE ANAPU/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dienne Marly de Souza Pontes.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D278r de Oliveira, Lindraci Pardim.

Da Resiliência ao Protagonismo: : Relatos da trajetória de vida e de formação de uma educadora do município de Anapu/PA / Lindraci Pardim de Oliveira. — 2023.

41 f.

Orientador(a): Prof^ª. MSc. Dienne Marly de Souza Pontes Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Educação, Altamira, 2023.

1. Memórias. 2. Práticas . 3. Pedagógicas. 4. Aprendizagem. 5. Ensino. I. Título.

CDD 370

LINDRACI PARDIM DE OLIVEIRA

MEMORIAL

**DA RESILIENCIA AO PROTAGONISMO: RELATOS DA TRAJETÓRIA DE
VIDA E DE FORMAÇÃO DE UMA EDUCADORA DO MUNICÍPIO DE ANAPU/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dienne Marly de Souza Pontes.

Avaliado em: / /

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dienne Marly de Souza Pontes

Orientadora

Avaliador

**ANAPU-PA
2023**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso primeiramente à Deus seja dada toda honra e glória que é o centro da minha vida e de todas minhas conquistas, aos meus pais que diante de todas as dificuldades sempre me incentivou, aos meus filhos que são a razão de todo meu esforço, eles são minha inspiração diária, ao meu esposo que sempre me incentivou quando eu queria parar dando me força e me incentivando a prosseguir.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus que sempre será o centro de tudo na minha vida, quero agradecer meus pais Alcedino e Jovelina que mesmo não sendo alfabetizados sempre nos incentivou a estudar, ao meu esposo Dimas que sempre esteve ao meu lado em todas as minhas escolhas me dando força e me incentivando, aos meus filhos Ariel, Yasmin e Lyriel que sempre me deram força a prosseguir, aos meus colegas de graduação pelo companheirismo, a todos professores que passaram pela minha vida escolar fundamental e médio em especial (Elidia e Elizabete) minha inspiração, ao meu amigo Jailson, a todos os professores que passaram durante o curso de pedagogia da (PARFOR) minha gratidão, a minha orientadora Prof.^a. Dienne Marly de Souza Pontes que sempre esteve ao nosso lado para nos orientar foi mais que orientadora foi amiga companheira de todas as horas, serei sempre grata, ao curso da PARFOR que nos proporcionou a realização desse sonho e através desse curso melhorar nossas praticas. Muito obrigada!

“Aprenda a dançar conforme a música
encontre novas soluções para os problemas,
resista às dificuldades... Só não fique parado
esperando algo acontecer”.

Karyne Santiago

RESUMO

A presente pesquisa aborda as práticas pedagógicas através da trajetória de vida de uma educadora do município de Anapu, visando responder o seguinte questionamento: história de vida de um educador pode apresentar significações importantes para sua formação e atuação profissional? Tendo como objetivo específico, refletir sobre a construção desses saberes docentes, bem como se esses refletem a prática de sala de aula. Acredito na relevância do tema para a comunidade em geral, haja vista que a prática pedagógica adotada pelo educador, são de fundamental importância para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem do educando. Desta forma, para contemplar a temática utilizarei o gênero acadêmico memorial, pois é gênero científico que permite e oportuniza o sujeito a se conectar com os fatos e lembranças e a resgatar memórias e vivências passadas, possibilitando ao autor refletir sobre suas conquistas e traçar objetivos. Para fundamentar teoricamente este trabalho buscou-se em Tardif (2005) que fala sobre as influências sociais e profissionais que somadas as teorias adquiridas no decorrer de sua formação, resultarão na prática que adotará em sala de aula. Em Freire (1986) que enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada, sem questionamentos. Esta dividido em cinco capítulos estruturados através da minha história de vida. Para finalizar estarei tecendo as considerações acerca dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Memórias, Práticas pedagógicas, Aprendizagem e Ensino.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9 a 10
CAPÍTULO I FAMÍLIA: BASE DE TUDO.....	11
1.1 Uma família com poucas condições financeiras, mas muito amorosa.....	11 a 12
1.2 Minha infância: ser criança com afazeres e obrigações para cumprir.....	12 a 14
1.3 A vida escolar dos filhos do seu Alcedino e dona Jovelina.....	14 a 19
CAPITULO II: ENTRADA PARA A ESCOLA:	20
2.1 Processo de alfabetização.....	20 a 23
2.2 Ensino fundamental: Aos metros com carinho: o poder do estímulo positivo....	23 a 25
2.3 O Ensino Médio e os desafios da vida.....	25 a 27
CAPÍTULO III: TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E O SONHO DO DIPLOMA.....	28
3. 1 Em busca de trabalho para amenizar as dificuldades.....	28
3.2 A retomada de um sonho.....	28 a 29
CAPITULO IV: A FALTA DE OPORTUNIDADE ABRINDO NOVAS POSSIBILIDADES.....	30 a 31
4.3 Mudanças necessárias.....	31 a 32
CAPITULO V: ENSINO SUPERIOR O PARFOR transformou a minha vida.....	33
5.1 PARFOR ME DANDO OPORTUNIDADE DE SONHAR.....	33 a 36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36 a 38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39 a 41

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda as práticas pedagógicas através da trajetória de vida de uma educadora do município de Anapu, visando responder o seguinte questionamento: história de vida de um educador pode apresentar significações importantes para sua formação e atuação profissional? Tendo como objetivo específico, refletir sobre a construção desses saberes docentes, bem como se esses refletem a prática de sala de aula,

Acredito na relevância do tema para a comunidade em geral, haja vista que a prática pedagógica adotada pelo educador é de fundamental importância para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem do educando. Porém, para que esta prática atenda necessidades educacionais do aluno contemporâneo, é necessário que o professor exercite a reflexão diária sobre seu fazer pedagógico, buscando adequá-la as demandas de aprendizagem do seu aluno e bom desenvolvimento de seu trabalho.

De acordo com Freire (1996), a prática é fundamental, haja vista que ela sucede e precede a teoria, portanto quanto mais se adquirir conhecimentos, mais reflexivo o professor será, isto favorecerá a melhoria da prática e conseqüentemente as possibilidades de atender as demandas de sala de aula.

O autor reforça o objetivo deste trabalho, pois estarei propondo uma reflexão sobre as práticas pedagógicas que foram utilizadas no decorrer da minha vida como discente, bem como, as que observo desde que tornei-me docente, mostrando que no campo da educação não existe “receita pronta” ou uma única forma de ensino, sendo de suma importância que o educador esteja sempre buscando inovar suas práticas para atender a necessidade de aprendizagem do educando.

Como metodologia, utilizarei uma pesquisa do tipo descritivo autobiográfica, que segundo Gil (2008) proporciona ao pesquisador descrever fatos e os relacionar com a temática abordada. Para tanto, será utilizada uma abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (2001), este tipo de abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que neste caso servirão como fonte de reflexão sobre o tema escolhido.

Desta forma, para contemplar a temática utilizarei o gênero acadêmico memorial, pois é gênero científico que permite e oportuniza o sujeito a se conectar com os fatos e lembranças

e a resgatar memórias e vivências passadas, possibilitando ao autor refletir sobre suas conquistas e traçar objetivos.

Campos (2015) reforça este pensamento, dizendo que o memorial possibilita ao sujeito ser o produtor do texto e, ao mesmo tempo objeto da pesquisa. Além disso, o memorial possibilita o sujeito a criar uma linha de reflexão traçada entre o passado o presente e as perspectivas para o futuro, podendo assim, refletir sobre os fatos significativos das relações pessoais que possibilitaram seu “crescimento”, tanto como pessoa, quanto como profissional.

Para fundamentar teoricamente este trabalho buscou-se em Tardif (2003) que fala sobre as influencias sociais e profissionais que somadas as teorias adquiridas no decorrer de sua formação, resultarão na prática que adotará em sala de aula. Sendo que as mais significativas, segundo ele, são as que observamos enquanto discentes.

Em Freire (1986) que enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada, sem questionamentos. Defende ainda que a teoria deve ser adequada à prática cotidiana do professor, que passa a ser um modelo influenciador de seus educandos, ressaltando que na verdadeira formação docente devem estar presentes a prática da criticidade ao lado da valorização das emoções.

O trabalho estará estruturado em quatro capítulos, em que o primeiro constitui estarei falando um pouco sobre a minha família e minha infância, no segundo abordo sobre minha entrada na escola, no terceiro a minha trajetória no ensino fundamental e médio, no quarto a minha trajetória profissional e no quinto mostrarei a importância do Parfor para minha vida. Por fim farei as considerações relacionadas aos achados da minha pesquisa.

CAPITULO I FAMILIA: BASE DE TUDO

1.1 Uma família com poucas condições financeiras, mas muito amorosa.

Sou Lindraci Pardim de Oliveira, nasci no dia 20 de novembro de 1982, em Bom Jesus do Tocantins no Estado do Pará, sou filha de Jovelina Belarmina de Souza Pardim e Alcedino Pereira Pardim, a oitava filha de uma prole de 10 irmãos. Com nove anos de idade minha família mudou-se para a cidade de Rondon do Pará, onde fiquei até me casar. Hoje moro na cidade de Anapu.

Como é possível perceber, somos uma família de camponeses e acredito ser importante explicar através da lei que assim nos define e garante nossos direitos enquanto povo que precisa ter seus costumes e seu modo de vida respeitadas. De acordo com o Decreto 7352/2010 em seu artigo 1º, pois estabelece que são considerados os sujeitos do campo:

Populações do campo: agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

Escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo (BRASIL, 2010).

Por ter nascido e vivido toda minha vida no campo, posso dizer que o povo do qual o texto se refere, é marcado pela pobreza e falta de políticas públicas mais eficazes. Lugar onde muitos envelhecem e morrem, sem nunca ter tido o registro oficial de seu nascimento.

Quando criança nossas condições eram muito precárias éramos pobres e mal tínhamos o que comer. Lembro-me que quando criança eu vendia uns joguinhos, que não recordo o nome, mas era a forma que encontrei para conseguir algum dinheiro e levar alimento para casa, muitas vezes ia até a feira buscar canela de boi que os açougues jogavam fora, para minha mãe cozinhar e nós tomarmos o caldo e chuparmos os ossos. Minha mãe sempre tinha um pé de banana no quintal para que ele fosse nossa merenda com café, quando tinha, ela,

apesar das dificuldades sempre quis proporcionar o nosso alimento para não passarmos fome, pois hoje entendo que é muito dolorido para uma mãe ver seus filhos com fome.

Minha história é marcada por sofrimento e muita luta, porém não se difere de outras pessoas que moram no interior de um estado do tamanho do Pará.

De acordo com Hage (2002) 19 milhões de brasileiros vivem em povoados, pequenas e médias cidades, que de um modo geral não conseguem atender a população no que se refere à saúde, educação e emprego, haja vista que a maioria não possui estrutura produtiva capaz de garantir qualidade de vida aos seus habitantes.

Mesmo com tantas dificuldades, desde muito pequena sempre fui atrás dos meus objetivos, comecei a vender revista da Hermes para comprar um chinelo pois eu não tinha, com o lucro comprei o chinelo que tanto queria, quando consegui o valor para comprar foi uma alegria que não cabia no peito, lembro-me que nem calcei com medo de sujar minha tão sonhada conquista, roupas só vestíamos porque ganhávamos.

1.2 Minha infância: ser criança com afazeres e obrigações para cumprir

Minha infância não foi fácil comparada o que vivenciamos hoje e o que nossos filhos têm. Eu brincava, mas antes tinha meus afazeres e obrigações para cumprir, após isso, brincava na rua, ia tomar banho no rio escondida da minha mãe, numa dessas idas quase morri afogada, mas ela nunca soube. Morava num bairro em que as crianças se reuniam para brincar a noite, era muito bacana e naquele momento eu poderia ser criança, ser feliz.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos. É sobre esse tempo da minha vida que vou relatar fragmentos de minha infância. Para estabelecer este debate, parto do princípio que infância não é uma categoria estática, mas é algo que está em permanente construção, é diferente de criança para criança, de um lugar para outro, de rico para pobre, entre outras realidades.

Para compreendermos o sentimento da infância que hoje temos, é de suma importância entender o contexto histórico e observar as mudanças e o que aconteceu de positivo para as questões relacionadas à criança, uma vez que nem sempre a criança foi valorizada e respeitada, mas esse sentimento que hoje temos da infância foi sendo construído no decorrer da história da humanidade.

Neste sentido Ariès (2006) enfatiza que a descoberta e valorização da infância trouxe o desenvolvimento de alguns princípios como não deixar mais a criança sozinha e a partir desse momento ter uma vigilância contínua, também às crianças de boa família passaram a ser vestidas de forma diferenciadas, ou seja, não mais como adultos, entende-se que a infância passou a ser mais valorizada, sendo que os sinais e seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.

O mesmo autor coloca que a história da infância e da criança passou por diversos progressos, havendo uma valorização e o reconhecimento da criança e da família na sociedade contemporânea. Tais mudanças foram de grande importância, uma vez que a infância na Idade Média não era respeitada, já que a criança era vista como um adulto em miniatura, não havia diferenciação nas vestimentas, e até mesmo na escola as idades eram todas misturadas numa mesma classe.

Podemos verificar que conforme o tempo foi passando a infância e a criança foi ganhando o seu espaço na sociedade e também foi sendo valorizada e respeitada, e hoje com direitos adquiridos nas leis brasileiras, a infância é amparada. Desta maneira as concepções de infância vão sendo modificadas conforme cada contexto histórico, e o sentimento de infância que hoje temos, é diferente de outra época e de outro lugar e até mesmo de criança para criança, e desta feita as concepções estão sempre em constantes mudanças.

As recordações da minha infância guardo dentro do coração todos os momentos que ainda estão em minha memória como um valor essencial na minha vida, ser criança foi uma fase que demorou passar, onde o dia, semana, mês e ano eram longos demais, diferente de hoje que passa tão depressa.

Nessa época brincava muito de cantigas de roda, cai no poço, bandeirinha, esconde a preferida era jogar taque bool, onde ficava brincando com meus colegas, ali era uma maravilha que se esquecia do tempo. Na minha casa não tinha televisão, então eu assistia nas casas dos vizinhos, mas meus pais não gostavam disso, pois esse vizinho me escorraçava¹ de lá, batiam a porta na minha cara, mesmo assim eu insistia e ficava.

Meus pais sempre foram cuidadosos, faziam o que podiam por nós, mesmo sem recursos financeiros para nos presentear com brinquedos e roupas caras, éramos crianças

abastecidas de muito amor. Minha mãe, apesar das dificuldades, nos ensinou que não deveríamos nos vitimar por conta da condição em que vivíamos. Minha mãe não estudou, mas entendia muito bem a importância do estudo para a transformação da condição que vivíamos, ela nos orientava sempre a fazer o que era certo e que tínhamos que lutar para sermos homens e mulheres dignos para vivermos em sociedade.

1.3 A VIDA ESCOLAR DOS FILHOS DO SEU ALCEDINO E DONA JOVELINA

Meus pais eram analfabetos, mas matricularam os filhos na escola, nenhum entrou na escola na idade certa, todos já tínhamos certa idade mesmo assim éramos matriculados se eles fossem olhar as adversidades não nos colocariam pelo fato de não ter condição, mesmo diante de tudo íamos para a escola, meus irmãos e eu não tínhamos materiais escolares, meus pais não podiam comprar, sonhava em ter uma mochila mas era impossível para minha realidade. Geralmente usávamos os materiais que a escola doava que eram cadernos com folhas amareladas. Quando essa doação não chegava, eu vendia cheiro verde, para ganhar meu dinheirinho e comprar meus materiais, saía de casa ainda de madrugada, mesmo correndo risco, eu ia atrás dos meus objetivos.

Minha mochila era uma sacola de açúcar, meus colegas zombavam de mim por ser pobre, me chamavam de piolhenta, mas as professoras sempre me defendiam. Lembro que um dia fizeram muita chacota de mim, eu sai chorando da sala e quando virei as costas, ouvi a professora falar para os alunos que eu era inteligente e esforçada e isso era louvável. Essas situações ainda me deixavam muito triste, e naquele dia cheguei em casa decidida a não voltar mais para a escola, mas meu pai disse que eu iria, que não havia a opção de parar de estudar, então voltei, mesmo sem querer voltar, pois vi a preocupação dele.

Entretanto existiam momentos prazerosos, eles aconteciam quando brincávamos livremente durante o intervalo. Nessa época os professores costumavam falar que a escola não era lugar para brincar e sim para aprender, eu seguia as ordens, pois meus pais falavam a mesma coisa. Freire (1996), nos mostra a importância e a complexidade do trabalho docente, resumindo, assim, seu pensamento:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em

que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos (p. 46).

Dessa forma, entende-se que quando os momentos que são permeados de descontração, que geram prazer pelo ato de aprender e de estar na escola, com aulas dentro de propostas que chame a atenção do aluno, o professor está disponibilizando maneiras pelas quais ele possa aprender, além de fazê-lo ter interesse pelo que está sendo apresentado. Comprovando isso, lembro que nos anos iniciais, as aulas de educação física eram os momentos mais esperados pela turma, era quando podíamos ter contato com música, dança, esporte, brincadeiras junto a atividades livres, era bom e eu consigo ter ótimas lembranças desses momentos.

No entanto para que o professor possa proporcionar aulas motivadoras e inovadoras, é necessário estar disposto as mudanças, Freire (1996), destaca que “é próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico.” (FREIRE,pag.17,1996)

Sendo assim, entendo que o fato de proporcionar aulas mais dinâmicas, requer aceitação de novas técnicas de ensino, requer reformulação da prática pedagógica, sendo consciente de que o mundo está em constante transformação, sendo que a escola e o professor não podem ficar a margem.

Na escola que eu estudava, tinha duas professoras, elas eram irmãs, elas me incentivavam e me ajudava, pois minhas dificuldades não eram apenas no aprendizado. Certo dia uma delas disse que faria uma festa para mim quando eu completasse 15 anos, não acreditei muito, mas quando chegou o dia do meu aniversário, no ano que eu estava completando 15 anos, ela realmente fez uma festa e posso dizer que foi um dos momentos mais lindos da minha vida.

Essas professoras fizeram a mesma promessa para quando eu decidisse casar, quando esse dia chegou, elas também cumpriram a promessa quando eu me casasse faria tudo de novo e cumpriram e por causa delas eu sempre quis ser professora igual elas, portanto elas me incentivaram a está na educação ela não se relacionava com os alunos somente no processo

cognitivo da construção do conhecimento, mas se envolviam afetivamente e emocionalmente com os alunos. Freire (1996, p. 96) aponta que: “o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento”.

Meus irmãos não estudaram, de acordo com eles, precisavam trabalhar para ajudar no sustento da nossa família. Eles até entraram na escola, mas logo em seguida era preciso abandonar a sala de aula para ajudar na colheita do arroz e depois para fazer tijolos de barro, isso os desmotivava, pois com essas saídas eles perdiam muitos assuntos, somado a isso ainda precisavam lidar com professores que não conseguiam entendê-los e por conta disso os maltratavam com palavras, gestos e ações, não os ajudavam a recuperar os conteúdos perdidos, com isso não colaboravam com o desenvolvimento escolar deles.

Essas lembranças me fazem refletir sobre a falta de políticas públicas que possam garantir escolas com estruturas adequadas para receber o aluno do campo e professores qualificados, para adequar suas práticas pedagógicas as necessidades e vivências do aluno camponês. Digo isso porque sei o quanto meus irmãos sofrem por não ter conseguido estudar, pois precisavam se ausentar das atividades escolares, para ajudar meus pais com o trabalho que garantia nosso sustento, sendo que hoje entendo o quanto essas atividades foram prejudiciais para eles. Porém, tudo isso é reflexo da falta de formação para o exercício de uma prática pedagógica adequada. Sendo que a Lei que rege a educação no Brasil garante as adaptações necessárias ao sujeito do campo para que as crianças não sejam prejudicadas no período da colheita. Sendo assim, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Lei nº 9394/96 em seu Artigo 28:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: a) conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; b) organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições

climáticas; c) adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Como é possível perceber, nossas leis mostram que é necessário realizar adaptações no calendário escolar levando em consideração a realidade social e econômica da região, bem como adaptações curriculares que valorizem a cultura local, através de metodologias diferenciadas que favoreça o aprendizado e estimule a busca pelo conhecimento. No entanto, não é o que observamos na maioria das escolas do campo, nos períodos em que muitas crianças até param de estudar, pois precisam ajudar as famílias e quando retornam não conseguem acompanhar a turma.

Partindo desse entendimento que precisamos compreender a importância que a educação ofertada ao sujeito do campo tenha características diferentes daquela ofertada nos centros urbanos. Acredito que os moldes pré-determinados pelas secretarias de educação dos municípios em nada contribuem para amenizar as dificuldades que a criança campesina precisa enfrentar para se manter na escola, que todas essas dificuldades colaboram com a evasão, a falta de interesse e muitas vezes são decisivas no momento que precisamos escolher entre sobreviver e estudar.

Outro fator que hoje considero importante relatar é que naquela época os professores que ensinavam as crianças não precisavam ter nível superior, muitas nem haviam concluído o Ensino Fundamental (denominação utilizada nos dias atuais) e sem nenhuma qualificação para exercer essa função, essas pessoas eram nomeadas pelos políticos da cidade. Nessa época o ensino ainda era regido pela LDB nº 5.692/71, que estabelecia os seguintes critérios de formação para o exercício da docência:

Art. 77. Quando a oferta de professores, legalmente habilitados, não bastar para atender às necessidades do ensino, permitir-se-á que lecionem, em caráter suplementar e a título precário; no ensino de 1º grau, até a 8ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 4ª série de 2º grau; no ensino de 1º grau, até a 6ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 3ª série de 2º grau; no ensino de 2º grau, até a série final, os portadores de diploma relativo à licenciatura de 1º grau.

Parágrafo único. Onde e quando persistir a falta real de professores, após a aplicação dos critérios estabelecidos neste artigo, poderão ainda lecionar: no ensino de 1º grau, até a 6ª série, candidatos que hajam concluído a 8ª série e venham a ser preparados em cursos intensivos;

Como é possível perceber, a própria lei, reconhecia a carência de professores habilitados, permitindo o exercício da docência de forma precária em caráter suplementar, com a perspectiva de que seriam preparados em cursos intensivos. No entanto, apesar de não ter lembranças, nem mesmo certeza de que minha professora participava de qualquer curso de formação, minha reflexão acerca desta problemática parte do entendimento de que ainda hoje, mesmo com tantas mudanças no sistema educacional brasileiro, observo situações parecidas acontecendo tanto no município onde moro, quanto os em torno dele.

Apesar das limitações, a professora seguia tentando exercer sua função. Escrevia o alfabeto no quadro e nós copiávamos embaixo, chamava um a um para ler a letra que escrevia no quadro.

Meus irmãos contam que, na época em que estudaram, os professores usavam palmatória e os alunos passavam por sabinas semanais e como tinham dificuldades para aprender, fugiam da escola nesse dia, quando voltavam a professora os colocava de castigo e aí os demais alunos faziam chacotas deles. Eles lembram disso com muita tristeza e dizem com firmeza que este foi o motivo que desmotivou a dar continuidade nos estudos. Nas aulas de matemática eram colocava para estudar a tabuada e depois perguntava, aquele que não soubesse responder apanhava com a palmatória (pequena régua de madeira com formato de um círculo). De acordo com Freire (1996) no exercício da docência exige formação profissional. Segundo ele, para ser professor e promover o aprendizado, é necessário:

Rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que

mudar é possível, curiosidade, competência profissional (FREIRE, 1996, p.14)

Hoje após estudos que realizei durante o curso de pedagogia, passei a entender que as atitudes pontuadas pelo autor para promover o aprendizado do aluno não faziam parte do nosso cotidiano escolar, e com isso, acompanhar os assuntos que estavam sendo ministrados. Apenas três dos meus irmãos, depois de adultos, retornaram a escola e concluíram Ensino Médio.

Meu irmão mais velho matriculou-se para cursar o magistério, porém não se identificou e resolveu seguir trabalhando no ramo da construção. Anos depois resolveu cursar faculdade de administração concluiu mas permaneceu no ramo da construção, ele se sente realizado com sua formação mas não quis seguir carreira.

Apesar das dificuldades que vivenciamos quando crianças, todos nós estudamos, alguns pararam no meio do caminho, porém todos nós somos conscientes da importância da educação como meio de transformação social e sou imensamente grata aos meus pais que sempre me ensinaram os valores que geram bons frutos nesta vida e foram de suma importância para minha formação enquanto sujeito. É neste sentido que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) ressalta sobre a importância da educação no âmbito familiar em seu Art. 1º que fala:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Desta maneira eles conseguiram com muito esforço e empenho nos dar oportunidade do acesso à educação da melhor forma possível. Sou agradecida pela responsabilidade de meu pai com nossa família e pelo imenso amor de mãe, que mesmo com a ausência do meu pai, foi dedicada e sempre esteve ao nosso lado nos apoiando e ajudando em todos os momentos desta caminhada, posso assim dizer, é uma mulher guerreira e com capacidade em conduzir nossa família.

CAPITULO II ENTRADA PARA A ESCOLA:

2.1 Processo de alfabetização

Lembro-me vagamente da minha primeira escola, mas sei que estudei a alfabetização na cidade de Bom Jesus do Tocantins não estudei o ano todo tivemos que mudar de cidade e por meus pais não ter pegado minha documentação tive que repetir novamente a alfabetização por falta de conhecimento e quando tiveram já não podia voltar para pegar, pois não tinha condições financeiras para retornar a cidade e pegar os documentos.

Quando mudei para a cidade de Rondon do Pará eu já estava com dez anos e precisei cursar novamente a alfabetização, pois meus pais não foram pedir minha transferência na escola anterior, pois eles eram pessoas com pouca instrução e quase nada sabiam sobre questões burocráticas da escola.

A escola que fui matriculada nessa nova cidade era um galpão, anexo de outra escola, ainda lembro do meu professor, o senhor Péricles que era muito atencioso e paciente. Ele utilizava um papel com o círculo no meio como recurso didático e assim ele nos ensinava o alfabeto, intercalando as letras pra que a gente aprendesse.

Hoje entendo que esse método de soletração e de memorização não é o mais recomendado para utilizar no processo de alfabetização, porém era a forma como ele aprendeu e como ele dispunha naquele momento para nós, com um detalhe, ele sempre procurava fazer do momento o mais prazeroso possível e isso nos estimulava a estudar.

Sobre o parágrafo acima Freire(2003) destaca a importância de propiciar condições aos educando, em suas relações uns com os outros ou com o(a) professor(a), de ensaiar a experiência de assumir-se como uma pessoa social e histórica, que pensa, se comunica, tem sonhos, que tem raiva e que ama. Isto despe o agente pedagógico e permite que se rompa a neutralidade do mesmo (a). Acredita que a educação é uma forma de intervenção no mundo, que não é neutra, nem indiferente, mas que pode implicar tanto no desmascaramento da ideologia dominante como mantê-la.

Meu processo de alfabetização foi bem complicado, mas recebi bastante ajuda e incentivo dos meus professores, que não me deixaram desistir, quando eu quis abandonar tudo por conta de alguns colegas que me maltratavam, zombavam do meu cabelo, da minha roupa,

dos materiais, de tudo... hoje sei que isso para uma criança é cruel e o fato de não ter maturidade para lidar com a situação, sofre muito.

Naquela época, mas a metodologia utilizada pela professora na tentativa de ensinar, não conseguia atender as dificuldades que eu tinha. Eram frases e palavras descontextualizada, reforçando a memorização das letras, sílabas e números, que virava um coral coletivo que aconteciam todos os dias durante a leitura desses cartazes.

Freire (1996) destaca que, a construção de um saber junto ao educando depende da relevância que o educador dá ao contexto social, à tradição da comunidade à qual ele trabalha para conseguir aproximar os conteúdos da realidade vivida pelo educando.

O autor me possibilita compreender que eram necessárias metodologias voltadas para a contextualização do assunto, trazendo o tema para minha realidade e assim poder despertar minha curiosidade. Destaca ainda, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”(FREIRE, 1996, p. 47)

Nesse período tive uma professora que me motivou muito, por causa dela eu tinha vontade de ir a escola, pois somente de me receber bem, me ensinava com muito carinho, paciência e amor, pois eu tinha bastante dificuldades, mas esses professores foram sensíveis e conseguiram refletir e adaptar a pratica deles para que eu conseguisse me alfabetizar.

De acordo com Tiba (2007) o professor precisa compreender que o aluno é um ser humano que tem demandas que vão além da sala de aula, bem como precisam de reconhecer no educador, alguém lhes acolham; escute-as; ofertem-lhes carinho e o mais importante que lhes deem autonomia para que sejam elas mesmas. As crianças devem sentir que podem contar com o professor.

De acordo com Freire (1996) o professor reflexivo saberá que a pratica educacional se dá por um movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Sendo assim, percebo a falta de reflexão sobre sua prática, uma vez que as atividades que eram desenvolvidas pela professora, de forma mecânica e repetitiva pouco contribuía para que eu pudesse compreender os conteúdos ministrados por ela.

Todas as vezes que quis desistir, meus pais mesmo analfabetos, falavam da importância da educação e minhas professoras reforçavam tudo isso reforçou em mim a vontade de vencer.

Esse período também marcou pelo fato de que ouvi muitas vezes que eu não seria ninguém no futuro, mas graças a esses professores que, com suas práticas pedagógicas conseguiram fazer eu entender que eu precisava estudar para ter conhecimento e realizar meus sonhos.

Durante o ano em que estava cursando-a foi bem difícil acompanhar a turma, foi uma série que exigiu de mim um esforço significativo, apesar de estar com dez anos, estava ainda aprendendo a reconhecer as letras e ter que juntar as sílabas e formar palavras simples era algo que me deixava aflita, tudo aquilo parecia muito difícil para mim, e o professor não conseguia ver minhas dificuldades, pois a turma era numerosa e ele quase não ia até mim.

De acordo com Machado (1993) aponta a necessidade de o professor refletir sobre sua prática pedagógica, de modo que ele possa assumir papel de mediador entre o conhecimento e o aluno e, na medida em que a criança apresentar alguma dificuldade frente aos conteúdos ministrados, o professor deve lhe oferecer os “instrumentos” necessários para a resolução dos mesmos, resgatando-se assim o que a criança “sabe” e o que ela “ainda não sabe”

Acredito que para atender o que propõe o autor, seja de suma importância para que a prática pedagógica do professor, possa atender as diversas demandas que se apresentam em sala de aula. Esta atenção também poderá deixar a aula mais atrativa e mais prazerosa ao olhar do aluno que antes se sentia desamparado.

Tentando superar as dificuldades, eu seguia em frente..., lembro que éramos pressionados pelo professor, que fazia questão de lembrar a turma que só passaríamos de ano se soubéssemos ler. Esse medo atingia a todos. Sua intenção era fazer a turma se esforçar. Porém, para mim aquilo só serviu para me deixar inquieta e desesperada, já que eu ainda não sabia ler e nem conseguia assimilar os conteúdos com facilidade. Naquela época, entendia que os professores só se aproximavam dos alunos espertos, e este era o motivo que fazia com que ela não se aproximasse de mim, poderia até dizer que ele não me via.

Sobre a importância da relação professor aluno frente as dificuldades encontradas, Machado (1993), nos mostra que o educador deve mostrar-se solícito a este educando, pois este, muitas vezes percebem-se como inferior aos demais, gerando assim um sentimento de incapacidade, que mais tarde poderá gerar comportamentos de esquivas à escola, ao professor e à tarefa. Tais sentimentos e concepções, são, na maioria das vezes, decorrentes do processo de

interação que se estabelece em sala de aula aparecendo aí à figura do professor como mantenedora ou mesmo geradora desta situação.

Mesmo diante a todo este sentimento, eu me esforçava cada dia mais...O ano foi corrido e eu consegui dentro do meu limite participar de todo o trabalho realizado, tudo era um desafio constante. Lembro que ao final do ano algo me marcou bastante. Recordo-me que no encerramento das atividades avaliativas, houve o temido teste de leitura com a turma toda, para ver em que nível cada aluno se encontrava, fiquei muito nervosa porque só conseguia ler algumas palavras sem dominar muito a leitura textos, então já sabia que teria dificuldades.

2.2 ENSINO FUNDAMENTAL: Aos metros com carinho: o poder do estímulo positivo

Aos onze anos ingressei na 1ª série do Primeiro Grau, hoje Ensino Fundamental, continuava sem condições financeiras não tinha material escolar, meu caderno era doado e minha mochila era um saco de açúcar, fui para uma escola no meu bairro e era mais perto da minha casa, a Escola Luciolo Oliveira Rabelo, fiquei nessa escola até a 4º série.

É importante ressaltar que nesse período as etapas de ensino eram divididas de acordo com a LDB nº 5692/71:

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

1º Para efeito do que dispõe os artigos 176 e 178 da Constituição, entende-se por ensino primário a educação correspondente ao ensino de primeiro grau e por ensino médio, o de segundo grau.

Na Escola Lucíolo Oliveira Rabelo, encontrei duas professoras que muito me acolheram e hoje sou grata por fazerem parte da minha história e contribuírem para minha formação. Ainda não cheguei onde quero, mas com certeza foi a contribuição delas que não me deixou desistir de estudar.

Na Escola Jose Fontanela cursou a 5º e a 6º série do 1º grau, lá conheci bons professores e outros nem tanto, que fazia a gente se sentir mal pelo fato de não entendimento

com o aluno com minha realidade, que muitas vezes não conseguia assimilar o conteúdo e se faltasse uma vírgula a questão em si não estava correta, ou seja tinha que decorar, e eu não conseguia fazer igual a resposta do livro não tinha facilidade de decorar ao pé da letra, isso me constrangia, já tinham outros professores que entendia e aceitava sua resposta mesmo não estando igual ao eles levavam em consideração a opinião do aluno então na mesma serie com professores totalmente diferente, sua práticas diferentes sua forma de tratar o aluno, uns compreensivos outros nem tanto, mas que bom que os bons eram maioria pra eu está aqui contando minha história é porque os que tinham uma prática que agregava o aluno e não o jogavam foram os que me incentivou a prosseguir e não parar como muitos assim fizeram no decorrer da vida escolar.

Na 7ª e 8ª série, fui para a escola Som Pedro I, estudei pouco tempo lá, não tenho muitas recordações. Na 8ª série, me matriculei para o período da noite, pois comecei a trabalhar durante o dia numa loja de roupas.

Como é possível perceber, vivi de perto a realidade precária encontrada nas escolas do campo. Nestes locais, na maioria das vezes, a educação é esquecida e deixada de lado, em que quase não chegam políticas públicas voltadas ao atendimento das necessidades básicas das pessoas. Onde precisamos nos adequar a realidade, caminhando na contra mão do que estabelece a lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB), levando o ensino acontecer de qualquer jeito, diminuindo assim a qualidade da educação ofertada.

Lembro que nesse período não tive acesso a quase nenhum meio de pesquisa, de informação ou biblioteca, somente o livro didático e o próprio professor, isso me distanciava da missão de ser uma aluna pesquisador, crítica e reflexiva como é comum as literaturas trazerem. Os professores não tinham formação específica, a maioria ainda estava cursando a universidade, outros apenas com formação do magistério. No entanto eles se desdobravam para dominar as disciplinas e repassar os conteúdos Apesar de considerar a dedicação daqueles profissionais, não posso deixar de ressaltar as lacunas que este período deixou.

De acordo com Nóvoa (1992), a formação contribui de forma significativa para o desenvolvimento do conhecimento profissional do professor, cujo objetivo entre outros, é facilitar as capacidades reflexivas sobre a própria prática docente elevando-a a uma consciência coletiva. A partir dessa perspectiva, verifica-se que os momentos de formação continuada são relevantes para a reflexão sobre as práticas pedagógicas adotadas.

Hoje entendo que os professores daquela cidade trabalhavam com o que tinham e como podiam, a reflexão talvez nem fosse do conhecimento de todos, pois a falta de investimentos lhes garantia menos que o básico.

2.3 O Ensino Médio e os desafios da vida

O ensino médio fiz do 1º ao 3º ano na Escola Dr. Dionísio Bentes de Carvalho, estudei até o 3º ano do magistério, mas não concluí nesse período casei e vim embora pra Anapu do Pará, na época tentei terminar aqui o 3º ano fiz até o meio do ano, era o último ano do ensino modular (SOME) LEI nº 7.806, DE 29 DE ABRIL DE 2014. Dispõe sobre a regulamentação e o Sistema de Organização Modular de Ensino- SOME, no âmbito da secretaria de Estado de Educação – SEDUC, e das outras providências. Art. era dividido por módulos, ou seja, por disciplinas e cada era uma etapa do estudo dirigida pelo professor de cada módulo. Nessa época fui acometida de uma doença por nome guilhabare fiquei muito mal fui parar em Belém no hospital Ofir Loyola foi quando descobri a doença, mas é uma doença que faz agente sofrer muito, fiquei paralisada é uma doença que não tem cura, o pesquisador da doença só descobriu que era uma doença que precisava de fisioterapia pra ajudar na recuperação eu fiz um voto com Deus e ele me curou atribuo a minha cura a Deus.

Ao chegar na cidade, meu esposo me levou de cadeiras de rodas até a casa do professor que ficava na cidade, ele era de Belém, pediu a ele que passasse as provas que eu havia perdido para que eu pudesse concluir o Ensino Médio, ele não concordou e disse que eu não teria condições de escrever nada pois não tinha movimentos nas mãos, meu marido disse que uma das minhas amigas me ajudaria sendo minha escriba, mesmo assim ele não mudou de ideia.

Rememorando esse episódio percebo o quão prejudicial pode ser um professor que não consegue ter um olhar diferenciado ao aluno que precisa de adaptações ou modificações no modo de agir e avaliar, pois essa atitude mexeu muito comigo, que na época já estava abalada com meu quadro de saúde, nesse momento perdi a esperança de voltar a viver normalmente e um dia poder concluir o Ensino Médio, comecei a acreditar que minha condição não poderia mudar, pois estudar não era pra mim. De acordo com Machado (1993):

Não queremos aqui apontar o professor como agindo deliberadamente no sentido de produzir tal situação. Temos conhecimento de que o problema é complexo e já observamos vários professores buscando solucionar dificuldades que notam em suas salas de aula. (MACHADO, pag.3, 1993)

Como bem coloca o autor citado, não podemos dizer que o professor adota de forma proposital tais atitudes, porém sabemos que existem as exceções, e que muitos exercem sua função sem se importar se seu aluno com sua atitude vai servir para motivar ou estagnar a vida escolar do aluno. Todavia existem aqueles que em meio ao seu trabalho permitem refletir sobre suas práticas e isso os possibilita ter uma postura sensível sobre as dificuldades de cada educando, contribuindo e fazendo a diferença desde a relação professor aluno até sua mediação na construção do conhecimento.

Hoje sei que esse é o exemplo de professor que não desejo ser, pois percebo que ele não pratica o exercício da reflexão, atitude de extrema importância para a prática docente.

Somente em 2010 consegui concluir o Ensino Médio fiz sete disciplinas fiz por uma instituição particular estudávamos aos fins de semana até concluir o Ensino Médio, na época não tinha muita condição financeira, mas me esforcei para terminar, pois já tinha feito até o 3º ano do magistério incompleto e precisava terminar para seguir em diante da tão sonhada faculdade que surgiu com mais força, quando surgiu a oportunidade de um emprego que foi o de servente, a qual sou grata e daí voltei a sonhar com o ensino superior.

Relembrar este período me fez perceber o quanto à prática docente pode aproximar e ao mesmo tempo distanciar o aluno do professor, principalmente neste nível de ensino onde a exigência pela aquisição de conhecimentos é bem maior. No entanto, estes eram apenas repassados, sem que pudéssemos intervir ou construir o conhecimento a partir dos nossos conhecimentos prévios.

Freire (2009), tais conceitos trazem elementos que contribuem para a construção de aprendizagens que têm como horizonte a humanização dos sujeitos. Essas concepções se materializam em atitudes, escolhas e relações empreendidas na prática educativa em que os(as) estudantes são compreendidos como seres sociais, históricos e inconclusos, que ao desenvolverem, por meio do diálogo, a percepção crítica sobre a realidade, vão se tornando capazes de produzir seus próprios saberes e de criar condições para uma atuação mais efetiva na sociedade.

“As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e o seu conhecimento prático” (TARDIF, 2003, p.73). Assim, percebo o quanto estas experiências foram importantes para minha construção como pessoa e como profissional, pois segundo o autor, carregamos experiências discentes, apreendidas ao observar seus professores antigos e através da vivência com os atuais, são experiências prévias à sua prática, mas que determinam muitas ações e metodologias ao trabalhar.

CAPÍTULO III TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E O SONHO DO DIPLOMA

3.1 Em busca de trabalho para amenizar as dificuldades

Em 2009 eu morava numa vila por nome Acrolina, que fica uns dois quilômetros da cidade, quando ouvi falar que na escola próxima da minha casa, e que lá estavam precisando de uma servente. Nessa época eu já tinha três filhos e estávamos passando por dificuldades financeiras, essa oportunidade seria importante para ajudar no sustento da nossa família. Fui até a secretaria de educação pedir uma oportunidade de emprego como servente, fizeram várias perguntas e a secretaria de educação da época disse que me achava muito nova e que não aparentava estar precisando tanto daquele emprego, mas eu argumentei que precisava e consegui o trabalho, todos os dias ia trabalhar com muita gratidão a Deus. Eu amava tudo aquilo que estava vivendo, era tanta empolgação misturada com gratidão, e ao terminar meu serviço eu sempre ia ajudar o professor na sala de aula, com isso voltei a sonhar!

Aquele professor me inspirou bastante a sonhar em seguir a mesma profissão que a dele, as práticas pedagógicas adotadas por ele eram incríveis. Além de que, ele fazia de tudo para o aluno aprender. Era preocupado com o desenvolvimento de todos os educandos. Foi a partir dessa vivencia que senti vontade de concluir o Ensino Médio e cursar faculdade de Pedagogia.

3.2 A retomada de um sonho

Quando recebi meu primeiro salário, fiquei sabendo de um instituto particular que ofertava a conclusão do Ensino Médio, conversei com meu esposo, acertamos como poderíamos nos ajudar para que eu pudesse voltar estudar, ele concordou e nós fomos até a instituição realizar minha matricula, ah... foi um dia muito especial que alegrou a minha vida até hoje, tanto é que guardo com muito carinho o comprovante dessa inscrição que marcou a minha vida.

Acredito que minha vontade de vencer era muito maior que os desafios, pois não foi fácil organizar minha vida de mãe, de profissional e de estudante, tudo junto e com três filhos pequenos. Muitas vezes precisei levar as crianças comigo para a sala de aula, sendo que a instituição era longe de casa, mas meus filhos não reclamavam e nem me atrapalhavam em nada e isso me mobilizou ainda mais a lutar por eles, estudar e trabalhar para proporcionar melhores condições de vida.

Quando conclui o Ensino Médio, me escrevi num curso de formação de professores, ainda não era o que eu sonhava, mas na minha cidade, com essa formação eu poderia atuar em sala de aula.

Acredito que seja relevante contar esses fatos para mostrar o quanto um educador pode fazer a diferença na vida de uma pessoa, incentivando e dando oportunidades, para que ele consiga aprender.

CAPITULO IV: A FALTA DE OPORTUNIDADE ABRINDO NOVAS POSSIBILIDADES

No ano seguinte já era outra gestão e como eu era contratada precisei ir novamente à secretaria de educação pedir o cargo de servente, porém a secretaria da época me negou, pois segundo ela, a vaga seria para pessoas que apoiaram o prefeito. Nessa época a seleção ainda não era feita através do seletivo, eles empregavam as pessoas que o apoiavam e eu não me envolvia, apenas votava, por conta disso perdi a vaga de servente.

Nesse período fiquei muito triste, procurei o professor que era meu amigo. Esse professor foi um grande incentivador na minha trajetória, foi comigo até a secretaria de educação para me ajudar a sugerir a criação da turma de educação infantil, conversamos com a secretaria sobre o projeto, que por sua vez, pediu para eu tentar formar a turma e retornar com ela, porém não garantiu que a secretaria pagasse meu salário para trabalhar com as crianças. Sai de lá decidida a formar essa turma, fui de casa em casa atrás de crianças para Educação Infantil, explicava aos pais a importância de uma turma na vila onde as crianças moravam que estariam perto de casa e eles poderiam acompanhar os filhos.

Apesar de estar tentando manter meu emprego, eu também estaria ajudando as crianças da comunidade, mas alguns pais não conseguiam ver dessa forma e falavam que não deixariam os filhos estudarem com uma mulher que era servente e estava querendo se tornar professora. Eles não sabiam que eu havia estudado e eu os perdoei pela ignorância.

Mesmo diante a tantas pessoas que não acreditavam no meu potencial, consegui realizar a pré-matrícula de trinta e duas crianças para uma turma de Educação Infantil multisseriado. Voltei até a secretaria de educação e novamente a secretaria disse que não poderia me garantir que eu ficaria trabalhando com as crianças, mesmo assim pediu para eu conseguir um ponto para alugar, pois lá seria a sala de aula. Encontrei o ponto e voltei com ela, que nesse momento elogiou minha persistência, pois mesmo sem me prometer nada, eu havia me empenhado.

Quando finalmente consegui a aprovação da secretaria, prometi para mim mesma que faria o melhor para meus alunos, mas que também mostraria para a comunidade que eu tinha capacidade e não os decepcionaria. Assim iniciei minha trajetória docente, construí alguns cartazes para ornamentar a sala com minhas próprias possibilidades, a secretaria mandou umas cadeiras e mesas para a sala improvisada.

A secretaria da época entendeu que, por ter sido a idealizadora e fundadora, merecia escolher o nome da escola, escolhi o nome de um grupo que eu cantava na igreja “Raio de Luz”. Enfrentei muitos desafios a escola não tinha nada eu corria atrás, eu fui atrás de quem sabia planejar para me ensinar afinal queria fazer tudo certo, eu fazia todas as tarefas a mão dava aula de manhã e passava a tarde fazendo as tarefas a Mão.

Trabalhei quatro anos na escola Raio de Luz só sai de lá porque mudamos para a cidade era muito longe, ia a pé para dá aula fui chamada pela coordenadora da escola para vim trabalhar na escola Epitácio Pessoa também na educação infantil, eu aceitei pois estava difícil morar na cidade e ir a pé dá aula lá todos os dias, pra mim foi e é um grande privilegio ter essa participação na construção na vida daquelas pessoas e saber que eu contribuí para que hoje eles tenham até o maternal lá em sua comunidade.

4.3 Mudanças necessárias

Quando sai da escola Raio de Luz que fui para outra escola a EMEIF. Epitácio Pessoa, precisei passar por várias mudanças necessárias para aprimorar minha prática, primeiro que fui para uma escola que tinha diretora, coordenadora que na anterior não tinha, professor era tudo diretor, coordenador servente e dai vai, ai já não era só os alunos e eu, agora estava numa escola que tinha toda a estrutura de uma escola, corpo diretivo e colaboradores e de professores, ai pedi ajuda para a coordenadora me ajudar corrigindo meu plano que outrora fazia sozinha, como o plano era feito com as outras professoras eu comecei a aprender a planejar igual elas, comecei a ter as tarefas melhores pois lá tinha como pesquisar isso me agradou muito, tinha um bom mimeografo coisa que eu não tinha,

Comecei a observar as colegas se eu estava no rumo certo, observava as práticas delas, elas me davam dicas eu sempre queria aprender mais a forma que as professoras ensinavam me encantava ai eu queria aprender via elas ensinando as vogais de uma forma tão suave que as crianças aprendiam, sempre as vi como ótimas professoras e queria ser ótima igual elas e fui mudando aos poucos aquilo que fazia que eu comecei a reconhecer que não era certo mudava para fazer as coisas de forma correta, somos seres humanos erramos e quando refletimos nossas práticas mudamos e temos bons êxitos, trabalhei um ano na escola sede onde amei minha experiência naquela escola depois fui para o anexo da mesma escola fiquei

alguns anos onde aprendi muito. Depois fui trabalhar na Escola EMEIF Maria Helena Cruz, onde fiquei alguns anos em seguida voltando para a EMEF Epitácio Pessoa a qual estou trabalhando atualmente.

CAPITULO V ENSINO SUPERIOR O PARFOR transformou a minha vida

5.1 PARFOR ME DANDO OPORTUNIDADE DE SONHAR

Após concluir o magistério, tentei cursar o ensino superior através de uma faculdade particular disponível em minha cidade, mas não pude dar continuidade porque ela não era legalizada, assim não poderia ofertar esta modalidade de ensino. Perdemos nosso dinheiro, mas não a vontade de fazer o ensino superior, tentou outras, mas sem sucesso.

No entanto, não desisti e finalmente em janeiro de 2019, garanti minha entrada na Universidade Federal do Pará, através de um processo seletivo para o PARFOR (**Programa de Formação de Professores da Educação**), em janeiro de 2019, dava-se início a uma das etapas importantes da minha carreira profissional.

Esta foi uma fase de importância ímpar em minha vida, pois tive a oportunidade de aprender a entender as concepções teóricas sobre a educação, através de momentos de estudos, pesquisas e reflexão, sempre buscando compreender as linhas teóricas que abordavam a educação e a atuação docente.

O curso me garantiu grandes avanços, a cada etapa eu aprendia algo novo que me possibilitava ter uma visão mais ampla sobre a pedagogia e o fazer docente. A cada módulo, era como se eu tirasse uma “venda” dos meus olhos, me permitindo enxergar o quando precisava estudar. De acordo com Saviani:

Quando entendemos que a prática será tanto mais coerente e consistente, será tanto mais qualitativa, será tanto mais desenvolvida quanto mais consistente for a teoria que a embasa, e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade da sua transformação e que proponha as formas de transformação, estamos pensando a prática a partir da teoria. Mas é preciso também fazer o movimento inverso, ou seja, pensar a teoria a partir da prática, porque se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isto significa que o desenvolvimento da teoria depende da prática (SAVIANI, 2005, p.107).

Portanto, à medida que as disciplinas aconteciam, eu ia conhecendo e tendo contato com diversos docentes, cada um com sua didática, trouxeram avanços significativos para mim como discente, o que garantiu mudanças na minha atuação como educadora. Encontrei no curso, as teorias que explicavam minhas dúvidas com relação aprendizagem e atuação do docente em sala de aula, bem como pude confrontá-las com minhas pratica em sala de aula.

Muitos professores nos trouxeram metodologias de trabalho diferentes daquelas que tivemos no ensino fundamental e médio, ou seja, eram dedicados e competentes. Criavam possibilidades de reflexão através de nossas vivencias.

A grande maioria dos professores não estava ali apenas para ministrar as disciplinas, eles dividiam muito mais que o simples contato na sala de aula. Compartilhávamos sonhos, nossas lutas e crescimento profissional. Além de incentivar, mostravam os caminhos que precisávamos para ampliar nossos conhecimentos, aprendi muita coisa com isso, foi quando percebi o quanto é importante a relação professor aluno, a grande diferença quando podemos contar com alguém atuando como mediador do processo, ou seja, precisamos do outro para sermos quem somos.

Foi no curso superior que eu consegui através dos estudos, fazer análises utilizando a pesquisa como foco da aprendizagem e isso possibilitou eu me encontrar com os teóricos referenciados, foram momentos que eu pude ter uma visão ampla sobre minhas práticas, proporcionando algo que antes não conseguia ver e nem refletir. As leituras na academia foram importantes e indispensáveis, através delas que eu tive acesso a estudos que a priori me fazerem questionar sobre muitos assuntos, principalmente sobre o meu trabalho pedagógico, a partir disso eu vi que minhas práticas precisavam ter embasamento teórico, elas não podem acontecer de qualquer jeito, deixando o trabalho organizacional ser esquecido como acontecem no cotidiano da escola.

(...) a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem por intermédio do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão (...). A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional (TARDIF, 2003, p. 53).

Portando, durante a vida acadêmica me construir e me reconstruir como profissional e principalmente como pessoa, a convivência grupal foi uma lição de vida para mim que aprendi a crescer e fazer da convivência com o outro um grande aprendizado, buscamos em conjunto entender o fazer pedagógico, ver a organização do trabalho dentro de uma visão flexiva e reflexiva, e assim entender que a organização do trabalho pedagógico é um processo que requer um olhar crítico e sensível.

Na universidade aprendi muitas coisas, mas uma das coisas mais importantes que me ensinou, foi o ato da reflexão, pois passei a perceber que os anos que eu trabalhei como professora não eram nada diante ao que eu tinha conhecido e o que ainda deveria conhecer. Entendi que formação, conhecimento e pesquisa são elementos primordiais para o fazer pedagógico. Pensando assim, passei a rever muitas questões sobre a sala de aula. As teorias, os livros e artigos estudados e debatidos em sala de aula, foram primordiais para que eu passasse a entender a importância da educação.

Por muitas vezes me questioneei, tentado compreender se os profissionais que eu conheci na minha infância ou até mesmo colegas de trabalho, tinham deixado de lado tudo aquilo que aprenderam na universidade, visto no decorrer de sua graduação. Por ter entendido o processo que existe sobre a construção do trabalho e as exigências de uma boa atuação docente me fez ver que a prática quando ela não é conceituada e refletida, o foco do trabalho é esquecido e deixado de lado. Isso me fez ter uma visão conceitual do trabalho pedagógico e das práticas dessa organização. Sobre essa reflexão e a importância dela para que eu pudesse rever meus conceitos e assim poder refletir sobre minha prática, Freire (1996, p.39), fala que [...] “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Ainda sobre esse assunto, vi na graduação o quanto o professor é referência para o aluno e independente da forma de como cada um exerce sua prática, ele ensina. Lembro de muitos mestres que traziam em suas práticas a preocupação de fazer o aluno ter confiança em si, levavam em consideração a vivência, a história, as dificuldades, os traumas que a vida sofrida lhes tinha deixado.

Tardif (2001), considera a prática educativa como elemento primordial ao desenvolvimento de uma consciência profundamente social, uma vez que os educadores, em sua ação, não trabalham com “coisas” e nem com objetos, mas com os seus semelhantes dotados, também, de liberdade.

Conheci professores que se oportunizaram vivenciar a troca de experiências, existiram os que deixaram as portas abertas para tirarmos nossas dúvidas, me incentivam a ler, a entender e interpretar. Eles instigavam nossa criatividade.

Lembro que íamos a campo com suporte e éramos acompanhados e orientados de perto, eles nos faziam ver nossa realidade e enxergar nossas dificuldades. A existência de recursos para exercer nossa prática com qualidade. Esses foram os professores que guardo na memória e serão lembrados pelo profissional que busquei sempre ser.

Entretanto, também conheci educadores despreparados, que não dominavam a disciplina, e durante suas avaliações, além de não deixavam claro os nossos conceitos, não nos permitiam questionar, para precisávamos entender por meio de quais considerações nosso aprendizado foi avaliado. Tinham aqueles que decidiam não se aproximar e diante disso víamos que a relação professor aluno não fazia parte da sua vida, muita deles eram bons, tinham dinâmica, as aulas eram lúdicas e divertidas, porém vi neles uma postura séria, sem risos e de poucas conversas, isso me fez ter na memória a aula de experiência maravilhosa mais não consegui conhecer a professora. Entre tantos outros, encontrei os que tinham um ego do tamanho da sua ignorância, eles se colocavam como pessoas cultas mais não conseguiam passar aquilo que precisávamos aprender. Diante disso, considero válidos poder avaliar as práticas dos professores que foram responsáveis pela minha construção pessoal e profissional, tudo isso foi um processo importante e, conhecer pessoas como esses educadores me fez refletir e escolher o profissional que eu não queria ser.

Estes fatos são explicados por Tardif(2003) quando diz que devemos compreender que a prática na qual estabelecemos nosso fazer pedagógico, vem sendo construída no decorrer de nossa trajetória, são saberes que nem sempre serão ensinados na teoria, pois os adquirimos ao observarmos os professores que tivemos e dos colegas no espaço de trabalho. Assim, por ser significativa esta observação, inconscientemente selecionamos o que seguir e o que devemos descartar.

Posso dizer que foi preciso muita força de vontade e isso me incentivou a estudar, a ver na graduação à oportunidade da minha vida, foi um processo arduo e necessário, minha maior tarefa foi buscar durante o curso metas para minha vida como educadora e as experiências vividas na sala de aula me permitiu compreender que o papel do educador está pautado na flexibilidade, buscando trabalhar direcionado por um caminho de possibilidades dentro da escola, com práticas bem direcionadas, compreendendo a ligação entre minhas

práticas e a questões voltadas ao ensinar e aprender e acima de tudo entender a relação deles dentro do mesmo espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste memorial foi muito relevante, pois através das leituras do referencial teórico foi possível visualizar minha vida acadêmica, percebendo que houve momentos de aprendizagem, mas também de angústias, pois tive dificuldades para aprender os assuntos apresentados pelos professores. Agravando-se a isso, a necessidade em conciliar estudo e trabalho, que requer tempo e dedicação, fatores que estiveram presentes em minha vida até a conclusão deste trabalho. Todavia, sempre fui consciente que o processo de transformações é o ponto de partida para as mudas.

Antes de mais nada, gostaria de ressaltar que tenho plena convicção de que vários fatores podem interferir no bom desempenho do trabalho docente, principalmente a falta de políticas públicas para garantir a professores e alunos o acesso a escolas e ensino de qualidade. Neste sentido, minhas reflexões serão sobre o fazer pedagógico propriamente dito, trazidos tanto da formação, quanto da experiência de vida.

Superando os desafios, a pesquisa me permitiu compreender a importância das práticas pedagógicas para o bom desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Junto a isso, que tais práticas estão relacionadas às ações do educador na sala de aula, no entanto não podem e não devem estar dissociadas da reflexão crítica, uma vez que são responsáveis por capacitar e emancipar os sujeitos.

Desta forma, é possível inferir que o desenvolvimento da aprendizagem do aluno tem relação com as práticas pedagógicas adotadas pelo professor, haja vista que ele, como mediador, deve procurar atender as demandas da sala de aula, consciente de que é necessário refletir para avaliar as especificidades dos alunos e assim garantir que ele adquira os conhecimentos e as habilidades necessárias. Para isso, é necessário proporcionar ambientes de aprendizagens que oportunizem ao aluno aprender de forma crítica, mediando sua construção e instigando ir além. Desta forma estaria utilizando a prática em favor da aprendizagem do aluno, e colaborando para o desenvolvimento de cidadãos autônomos, de indivíduos que pensam por si mesmo e que estabelecem relações de reciprocidade.

Para finalizar vejo que é de suma importância a ampliação de estudos e pesquisas sobre as práticas pedagógicas, por entender que são de fundamental importância para o ensino, para que possamos ultrapassar barreiras e romper paradigmas, ou seja, não segui um modelo único ou padrões que se apresentam como pronto e acabado, mas sim, inovar, indo além do que se vê, construindo a aprendizagem significativa², possibilitando a articulação entre o aluno e aquilo que ele traz de conhecimento prévio, proporcionando novos conhecimentos, construídos a partir do próprio aluno ou do grupo, tendo o professor como mediador do processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2 eds. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BRASIL Lei Nº 13.005, De 25 De Junho De 2014. Plano Nacional da Educação (PNE) – Brasília, 2014.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 1988.

BRASIL. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394. Editora do Brasil, 1996.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base de 1971 - Lei 5692/71 | Lei no 5.692, de 11 de agosto de 1971

CAMPOS, Magda. Manual de gêneros acadêmicos: Resenha, Fichamento, Memorial, Resumo Científico, Relatório, Projeto de Pesquisa, Artigo científico/paper, Normas da ABNT. Mariana-Mg, 2015.

FREIRE , Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE . A Importância do Ato de Ler: Em três artigos que se completam São Paulo: Autores Associados: Cortez. 1989. (coleção polemica do nosso tempo).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 2010.

GADOTTI, M. Convite a leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipine,1999.

GIL,Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. Edição. SÃO PAULO. EDITORA ATLAS S.A.2008.

HAGE, S. M. Movimentos sociais do campo e afirmação do direito à educação: pautando o debate sobre as escolas multisseriadas na Amazônia paraense. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 87, n. 217, p. 302-312, set./dez. 2004

HAGE, Salomão Mufarrej. Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará / (Org.). - Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

HAGE. Salomão. realidade das escolas multisseriadas no Pará / (Org.). - Belém: Grafica e Editora Gutemberg HAGE, Salomão Mufarrej. Educação do campo na Amazônia: retratos de Ltda, 2005.

LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção Questões da Nossa Época).

MACHADO, V. L. S. Dificuldades de aprendizagem e a relação interpessoal na prática pedagógica. Paidéia, Ribeirão Preto, n.3, p.16-25, ago./jan. 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, n. 13, 2001.

TIBA, Içami. *Disciplina: limite na medida certa*. 1. ed. São Paulo: Editora Gente, 2007.

TIBA. *Quem ama educa: formando cidadãos éticos*. São Paulo: Integrare, 2012.